

A PONTE  
*de*  
HAVEN

---

---

FRANCINE  
RIVERS

**Tradução**  
Cecília Camargo Bartalotti

1ª edição  
Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SF, 2015



VERUS  
EDITORA

# 1

---

---

*Desde o seio tu és o meu apoio, tu és minha  
parte desde as entranhas maternas.*

SALMOS 71,6

**1936**

Enchendo os pulmões com o ar fresco de outubro, o pastor Ezekiel Freeman iniciou sua rotina matinal. Ele definira a rota em um mapa, quando chegara à cidade. Cada casa lhe trazia pessoas à mente, e ele as apresentava diante do Senhor, dando graças pelas dificuldades que haviam superado, rezando pelas provações que agora enfrentavam e perguntando a Deus que papel ele poderia exercer para ajudá-las.

Dirigiu-se ao Colégio Thomas Jefferson. Passou pelo Eddie's Diner, o pequeno restaurante onde os estudantes gostavam de se reunir. As luzes estavam acesas lá dentro. Eddie veio até a porta.

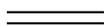
— Bom dia, Zeke. Quer uma xícara de café?

Zeke sentou-se ao balcão enquanto Eddie preparava pilhas de hambúrgueres. Eles conversaram sobre o time de futebol do colégio e sobre quem poderia ganhar uma bolsa de estudos. Zeke lhe agradeceu pelo café e pela conversa e saiu de novo na rua ainda escura.

Atravessou a Main Street e caminhou ao lado dos trilhos do trem, em direção ao lugar onde andarilhos se reuniam. Viu uma fogueira acesa, aproximou-se dos homens sentados em volta dela e perguntou se podia se juntar a eles. Vários deles estavam na cidade havia tempo suficiente para já conhecer Zeke. Outros eram estranhos, homens que pareciam cansados e desgastados de andar pelo país, arrumando trabalhos temporários pelo caminho,

vivendo apenas com o básico. Um jovem disse que tinha gostado do lugar e que esperava poder ficar. Zeke lhe informou que a madeireira ao norte da cidade estava procurando um carregador. Passou ao rapaz um cartão com seu nome e o endereço e telefone da igreja.

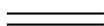
— Passe por lá quando quiser. Eu gostaria de saber como você está indo.



Os grilos na grama alta e a coruja em um pinheiro ficaram em silêncio quando um carro entrou no Riverfront Park e estacionou perto dos banheiros. Uma jovem saltou do banco do motorista. A lua cheia iluminava o caminho o suficiente para ela saber onde pisava.

Gemendo de dor, ela se curvou e pousou a mão sobre a barriga enorme. As contrações vinham mais depressa agora, com menos de um minuto de intervalo. Ela precisava de abrigo, de algum lugar reservado para dar à luz. Cambaleou pelo escuro até o banheiro feminino, mas a porta estava trancada. Com um soluço abafado, ela se virou, olhando em volta.

Por que tinha ido tão longe? Por que não parara em algum hotel no caminho? Agora era tarde demais.



A praça da cidade era a parada seguinte na rota de Zeke. Ele rezou pelos lojistas, pelos vereadores que tinham uma reunião à tarde na Câmara Municipal e pelos viajantes que se hospedavam no Hotel Haven. Ainda estava escuro quando ele caminhou pela Second Street e avistou o caminhão de hortaliças de Leland Dutcher, virando na entrada de uma viela ao lado do Mercado Gruening.

Todos o chamavam de Dutch, inclusive a esposa, que estava no hospital, enfrentando os estágios terminais de um câncer. Zeke sentara-se junto dela várias vezes e sabia que ela sofria mais pela falta de fé do marido que pela proximidade da morte.

— Eu sei para onde vou. Estou mais preocupada com onde Dutch vai acabar.

O homem trabalhava seis dias por semana e não via necessidade de passar o sétimo na igreja. Na verdade, estava furioso com Deus e não pretendia agradá-lo.

Os freios do caminhão chiaram brevemente quando ele parou. Dutch abriu a janela.

— Manhã fria para ficar perambulando pelas ruas, pastor. Tem uma namorada escondida em algum lugar por aí?

Ignorando o sarcasmo, Zeke enfiou as mãos frias nos bolsos.

— É a melhor hora para rezar.

— Bem, fogo do inferno e aleluia! Não vou atrapalhar seu trabalho. — Ele deu uma risada rouca.

Zeke aproximou-se mais.

— Estive com Sharon ontem.

Dutch expirou ruidosamente.

— Então sabe que ela não está indo muito bem.

— Sim, ela não está. — A menos que acontecesse um milagre, não lhe restaria muito tempo. Descansaria mais tranquilamente se não estivesse tão preocupada com o marido, mas dizer isso naquele momento só deixaria Dutch ainda mais hostil.

— Vá em frente, pastor. Convide-me para ir à igreja.

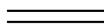
— Você já sabe que o convite está sempre aberto.

Dutch se desarmou um pouco.

— Ela anda atrás de mim há anos por causa disso. Mas, neste momento, tudo que sinto vontade de fazer é cuspir na cara de Deus. Ela é uma boa mulher, a melhor que já conheci. Se alguém merece um milagre, é Sharon. Diga-me, que ajuda Deus está dando a ela?

— O corpo dela vai morrer, Dutch, mas Sharon não. — O pastor percebeu a centelha de dor nos olhos do homem e soube que ele não estava preparado para ouvir mais nada. — Quer ajuda para descarregar o caminhão?

— Obrigado, mas acho que posso fazer isso sozinho. — Dutch engrenou a marcha, murmurou um palavrão e seguiu pela ruela.



A criança saiu em um fluxo de quentura pegajosa, despejando-se de seu corpo, e a jovem soltou um suspiro de alívio. O aperto de ferro que a rasgava cessou, dando-lhe tempo para recuperar o fôlego. Ofegante nas sombras sob a ponte, ela ergueu os olhos para o céu estrelado, visível por entre os suportes de aço.

O bebê era pálido e perfeito sob o luar, deitado em um cobertor de terra. Estava escuro demais para enxergar se era menino ou menina, mas o que importava?

Com o corpo febril, a jovem tirou o fino blusão e estendeu-o sobre o bebê.



Uma brisa fria estava soprando. Zeke puxou para cima o colarinho do casaco. Percorreu a Mason Street, atravessou a First e desceu a McMurray, de volta à Second, em direção ao Hospital Bom Samaritano. A ponte lhe veio à mente, mas ficava na outra direção. Nos meses de verão, ele a atravessava com frequência, até o Riverfront Park, especialmente quando o local estava cheio de visitantes, em barracas no pequeno camping adjacente.

Ninguém estaria acampado ali nessa época do ano, com a temperatura em declínio e a queda das folhas.

A escuridão estava se dissipando, embora ainda fosse demorar um pouco até o nascer do sol. Precisava voltar para casa, mas a ponte não lhe saía da cabeça. Zeke mudou de direção e tomou o rumo da ponte e do Riverfront Park.

Ele soprou as mãos. Devia ter vestido luvas naquela manhã. Parou na esquina, debatendo-se entre prosseguir naquela direção ou ir para casa. Sempre tomava um banho e fazia a barba antes de se sentar para o café da manhã com Marianne e Joshua. Ir à ponte agora o faria se atrasar para isso.

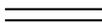
Mas, dentro dele, havia uma sensação de urgência. Alguém precisava de ajuda. Só levaria dez minutos para caminhar até lá, talvez menos se ele apressasse o passo. Não teria paz de espírito se não fosse.



Tremendo violentamente, a jovem fechou a janela do carro, sabendo que nunca estaria livre de culpa e arrependimento. Sua mão estava trêmula quando girou a chave que havia deixado na ignição. Só queria ir embora daquele lugar. Queria cobrir a cabeça e esquecer tudo o que havia acontecido, tudo o que fizera de errado.

Virando o volante, pisou com força demais no acelerador. O carro derrapou para um lado, dando-lhe um frio na espinha. Ela corrigiu a manobra rapidamente, enquanto os pneus lançavam pedregulhos como balas pelo parque. Devagar, virou à direita, em direção à estrada principal, olhando em frente através das lágrimas. Seguiria na direção norte e encontraria um hotel barato. E, então, decidiria como se matar.

Pelas margens arenosas do rio e sob a ponte, uma brisa passava. Não mais protegido pelo calor do útero da mãe, o bebê abandonado sentia o frio cortante do mundo. Começou com um choro suave, que se tornou um lamento doloroso. O som se espalhou sobre as águas, mas nenhuma luz se acendeu nas casas junto ao rio.



A estrutura de aço em treliça da ponte erguia-se acima das árvores. Zeke atravessou a velha estrada do rio e seguiu pelo caminho de pedestres sobre a ponte. Parou na metade e se inclinou sobre a grade lateral. O rio ondulava abaixo dele. Havia chovido alguns dias antes, deixando as margens lisas e compactas. O lugar estava deserto.

*Por que estou aqui, meu Deus?*

Zeke endireitou o corpo, ainda incomodado. Esperou mais um momento e, então, deu meia-volta. Hora de ir para casa.

Um gemido suave misturou-se aos sons do rio. O que seria aquilo? Segurando-se à grade, ele se inclinou e examinou as sombras dos pilares. O som veio outra vez. Ele atravessou a ponte rapidamente e desceu pela encosta gramada até o estacionamento. Seria um gatinho? As pessoas muitas vezes abandonavam ninhadas indesejadas na margem da estrada.

De novo ouviu o som, e dessa vez o reconheceu. Joshua fazia o mesmo ruído quando era bebê. *Um bebê, aqui?* Procurou pelas sombras, com o coração acelerado. Avistou pegadas. Desceu até a margem do rio e as seguiu pela areia até o cascalho sob a ponte. Os pedregulhos rangiam sob seus pés.

Escutou novamente, mais fraco dessa vez, mas tão perto que ele começou a prestar mais atenção no chão antes de cada passo. Franzindo a testa, intrigado, abaixou e pegou o que parecia um blusão abandonado.

— Meu Deus... — Um bebê estava ali, tão imóvel, tão pequeno, tão pálido que ele se perguntou se seria tarde demais. Uma menina. Zeke deslizou as mãos sob ela, que não pesava quase nada. Quando a ergueu, os bracinhos da criança se abriram como os de uma avezinha tentando voar e ela soltou um choro trêmulo.

Levantando-se depressa, Zeke abriu o casaco e os botões da camisa, a fim de colocar a bebê em contato com a pele. Respirou sobre o rosto da criança para aquecê-la.

— Chore, querida, chore o mais alto que puder. Agarre-se à vida agora. Está me ouvindo?

Zeke conhecia todos os atalhos e chegou ao Hospital Bom Samaritano antes de o sol nascer.



Zeke voltou ao hospital no meio do dia, para visitar Sharon. Dutch estava com ela, parecendo triste e acabado. Ele segurava a mão frágil da esposa entre as suas e não falava nada. Zeke conversou com os dois. Quando Sharon lhe estendeu a mão, ele a pegou e rezou por ela e por Dutch.

Não podia ir embora sem passar pelo berçário. Não deveria ter se surpreendido ao ver Marianne em pé diante do vidro, com o braço sobre os ombros de Joshua, seu filho de cinco anos. Zeke sentiu ternura e orgulho. O filho era todo braços desengonçados, pernas longas e finas, joelhos protuberantes e grandes pés.

Joshua pôs as mãos no vidro.

— Ela é tão pequena, papai. Eu era pequeno assim? — A minúscula menininha dormia profundamente em um bercinho de hospital.

— Não, filho. Você pesava quatro quilos, era maior. — A expressão no rosto de Marianne o preocupou. Ele lhe tomou as mãos. — Vamos para casa, querida.

— Graças a Deus você a encontrou, Zeke. O que teria acontecido com ela se você não a encontrasse? — Marianne olhou para ele. — Devíamos adotá-la.

— Você sabe que não podemos. Vão encontrar alguém para ficar com ela. — Ele tentou levá-la embora.

Marianne não se moveu.

— Quem melhor do que nós?

Joshua concordou.

— Foi você que encontrou ela, papai. Achado não é roubado.

— Ela não é uma moeda encontrada na calçada, filho. Ela precisa de uma família.

— Nós somos uma família.

— Você sabe o que quero dizer. — Ele envolveu com a mão o rosto de Marianne. — Já esqueceu como é cuidar de um bebê recém-nascido?

— Posso muito bem fazer isso, Zeke. Sei que posso. Por que ela não poderia ser nossa? — Ela se afastou da mão dele. — Por favor, não me olhe assim. Eu sou mais forte do que você pensa. — Os olhos dela se encheram

de lágrimas antes que pudesse desviá-los. — Olhe para ela. Isso não parte seu coração?

Ele olhou e seu coração amoleceu. Mas era preciso ser prático.

— Vamos embora.

Marianne apertou-lhe a mão.

— A religião pura e genuína aos olhos de Deus é demonstrada pelo cuidado com as viúvas *e os órfãos*.

— Não use a Escritura contra mim quando é você que estou tentando proteger.

Joshua levantou os olhos.

— Proteger do quê, papai?

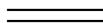
— Nada. — Marianne lançou a Zeke um olhar de repreensão. — É só uma ideia que seu pai pôs na cabeça muito tempo atrás. Ele vai superar. Deus a colocou em seus braços, Zeke. Não me diga que não foi assim. — Marianne o fitou com olhos límpidos. — Temos nosso menino. Uma menininha deixaria tudo perfeito. Não é como eu sempre disse?

Era verdade. Marianne sempre desejara ter mais filhos, mas o médico a advertira de que seu coração, prejudicado pela febre reumática na infância, não era suficientemente forte para sobreviver a outra gravidez.

Zeke sentiu sua firmeza se dissolver.

— Marianne. Por favor, pare. — Ela demorara meses para se recuperar depois do nascimento de Joshua. Cuidar de outro recém-nascido seria um esforço excessivo para ela.

— Podemos ser pais adotivos. Vamos levá-la para casa assim que for possível. Se for excessivo, então... — Seus olhos ficaram úmidos. — Por favor, Zeke.



Dez dias mais tarde, o dr. Rubenstein assinou os formulários de alta da bebê e a colocou nos braços de Marianne.

— Vocês serão ótimos pais adotivos.

Depois das três primeiras noites, Zeke começou a se preocupar. Marianne levantava-se a cada duas horas para alimentar a bebê. Quanto tempo levaria até que aquilo prejudicasse sua saúde? Mas, embora parecesse exausta, ela não poderia estar mais feliz. Sentada em uma cadeira de balanço, Marianne embalava a menina nos braços e a alimentava com uma mamadeira de leite aquecido.

— Ela precisa de um nome, Zeke. Um nome cheio de promessas e esperança.

— Abra significa Mãe das Nações — disse o pastor, antes de conseguir se conter.

Marianne riu.

— Você a queria desde o começo, não é? Não finja que não.

Como ele poderia não querer? Ainda assim, sentia uma pontada de medo.

— Somos pais adotivos, Marianne. Não se esqueça disso. Se as coisas ficarem muito difíceis para você, chamaremos a assistente social. Teremos que devolver Abra.

— Devolvê-la para quem? A assistente social quer que isto funcione. E eu não acho que exista alguém na cidade que queira tirá-la de nós agora. Você acha? — Peter Matthews, um professor da escola fundamental, e sua esposa Priscilla tinham expressado interesse também, mas, como haviam acabado de ter um bebê, concordaram que Abra deveria ficar com os Freeman, se eles conseguissem lidar com a situação.

Marianne pôs a mamadeira vazia de lado e levantou a bebê até o ombro.

— Precisamos economizar para poder fazer mais um quarto. Abra não será bebê por muito tempo. Ela passará do berço para uma cama normal. Precisarão de um quarto só para ela.

Não havia como argumentar com Marianne. Todos os seus instintos maternos haviam entrado em ação, mas, a cada dia, cansavam-na um pouco mais. Tirar cochilos ao longo do dia ajudava, mas conseguir alguns minutos de sono aqui e ali não seria suficiente para mantê-la saudável. Já andava descabelada, pálida e com olheiras.

— Amanhã de manhã, você fica dormindo e eu a levo comigo.

— No escuro?

— Há muita iluminação na rua. E eu conheço a cidade como a palma da minha mão.

— Ela vai ficar com frio.

— Eu a enrolo bem. — Ele dobrou um cobertor em triângulo, amarrou-o em volta da cintura e do pescoço, tomou Abra dos braços de Marianne, acomodou-a e esticou o corpo. — Está vendo? Totalmente aconchegada. — E bem junto de seu coração, onde estivera desde o primeiro momento em que ele a vira.

Às vezes Abra reclamava quando ele a levava para suas caminhadas de manhã cedo, e então ele lhe cantava hinos.

— “Venho para o jardim sozinho, quando o orvalho ainda molha as rosas...” — Ela dormia por um tempo e se mexia quando Zeke parava no Eddie’s Diner ou fazia uma pausa para falar com Dutch.

— Vocês foram muito bons de pegar essa pequena. Ela não é lindinha, com todo esse cabelo vermelho? — Eddie passava a ponta do dedo pelo rosto de Abra.

Mesmo o endurecido Dutch sorria quando se inclinava na janela do caminhão para olhá-la.

— Parece um anjinho. — Ele se retraiu. — Sharon e eu sempre quisemos filhos. — Ele disse isso como se fosse mais um ponto negativo contra Deus. Sharon havia morrido, e Zeke sabia que ele estava sofrendo. Quando os dedinhos de Abra se fecharam sobre o dedo mínimo de Dutch, ele pareceu prestes a chorar. — Quem abandonaria um bebê debaixo de uma ponte, pelos céus? Que bom que aconteceu de você passar por lá.

— Não foi acidente eu ir até lá naquela manhã.

— Como assim? — O motor do caminhão de Dutch zumbia em ponto morto.

— Eu me senti impelido a ir. Deus às vezes faz essas coisas.

Dutch fez uma expressão de dor.

— Não vou fazer especulações. Não há dúvida de que essa menininha precisava de alguém naquela manhã, ou estaria morta e enterrada agora. — *Como Sharon*, seus olhos diziam.

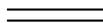
— Se tiver vontade de conversar, Dutch, é só me ligar.

— É melhor você desistir de mim.

— Sharon não desistiu. Por que eu desistiria?

À medida que crescia, Abra dormia mais tempo seguido entre as mamas e Marianne podia descansar mais. Mesmo assim, Zeke não deixou de carregá-la consigo em suas caminhadas.

— Vou fazer isso até que ela esteja dormindo a noite inteira. — Ao acordar a cada manhã, antes do despertador, ele se vestia e espiava pela porta do quarto das crianças, encontrando Abra bem desperta, esperando por ele.



**1941**

Até as exigências de uma criança tranquila podem desgastar alguém, e Zeke via os resultados em Marianne.

Quando ele chegou em casa, em uma tarde de junho, e encontrou a esposa dormindo no sofá enquanto Abra, agora com quatro anos, mergulhava a boneca repetidamente no vaso sanitário, soube que as coisas precisariam mudar.

— Você está exausta.

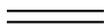
— Abra é mais rápida que o meu pensamento.

— Você não pode continuar assim, Marianne.

Outros na congregação também haviam notado como Marianne parecia cansada e expressaram preocupação. Priscilla Matthews veio lhes falar em um domingo, depois do culto. Seu marido havia montado porteirinhas para que sua menina de quatro anos, Penny, não pudesse escapar da sala.

— A casa inteira é um grande parque de diversões agora, Marianne. Eu desisti e embalei tudo o que fosse quebrável. Por que você e Zeke não trazem Abra algumas tardes por semana? Poderão descansar sem preocupações ou interrupções por algumas horas.

Marianne resistiu, mas Zeke insistiu que seria a solução perfeita.



Zeke comprou madeira, pregos, papel alcatroado e telhas e começou a trabalhar em um quarto nos fundos da casa. Joshua, com nove anos, sentava-se sobre as tábuas, mantendo-as estáveis enquanto Zeke serrava. Um dos paroquianos puxou a fiação para a eletricidade. Outro construiu uma cama com gavetões e o ajudou a instalar janelas voltadas para o quintal.

Embora o pastor não estivesse tão entusiasmado com a ideia de seu filho mudar para um quarto estreito, adaptado na varanda dos fundos, Joshua adorou seu “forte”. Seu melhor amigo, Dave Upton, veio passar a noite, mas o cômodo era tão pequeno que Zeke acabou montando uma barraca para eles no gramado dos fundos. Quando voltou para dentro, ele desabou em sua poltrona.

— O forte é muito pequeno.

Marianne sorriu, com Abra aconchegada a seu lado na outra poltrona e um livro de histórias da Bíblia aberto.

— Não ouvi Joshua reclamar. Os meninos parecem muito felizes, Zeke.

— Por enquanto. — Se Joshua puxasse ao pai e aos tios de Iowa, ficaria grande demais para o espaço antes de chegar ao colegial.

Zeke ligou o rádio e examinou a correspondência. O rádio só trazia más notícias. Hitler ficava cada vez mais ambicioso. O insaciável Führer conti-

nuava mandando aviões para oeste através do canal da Mancha, a fim de bombardear a Inglaterra, enquanto suas tropas invadiam as fronteiras da Rússia, a leste. Charles Lydickson, o banqueiro da cidade, dizia que seria apenas questão de tempo até que os Estados Unidos entrassem na guerra. O oceano Atlântico não representava nenhuma proteção, com todos aqueles submarinos alemães rondando, ansiosos para afundar navios.

Zeke agradeceu a Deus por Joshua ter apenas nove anos, mas em seguida se sentiu culpado, sabendo quantos outros pais tinham filhos que logo poderiam estar partindo para a guerra.

Quando Marianne terminou de ler a história de Davi e Golias, aconchegou Abra mais perto de si. A criança estava semiadormecida, e Marianne parecia cansada demais para se levantar. Quando tentou, Zeke se ergueu da cadeira.

— Deixe que eu a levo para a cama hoje. — Ele tirou Abra do lado de Marianne. A criança se derreteu junto ao corpo dele, com a cabeça em seu ombro, o polegar na boca.

Ele puxou as cobertas sobre a menina, pressionou o cobertor em volta dela para deixá-la bem aconchegada e inclinou a cabeça. Ela juntou as mãos em oração e Zeke pôs as suas em torno das dela.

— Pai nosso, que estais no céu... — Quando terminaram, ele se inclinou e a beijou. — Durma bem.

Antes que pudesse se levantar, ela prendeu os braços em torno de seu pescoço.

— Eu te amo, papai. — Ele disse que a amava também, beijou-lhe o rosto e a testa e saiu do quarto.

Marianne parecia exausta. O rosto do pastor expressou apreensão. Ela meneou a cabeça, sorrindo de leve.

— Estou bem, Zeke. Só cansada. Não há nada errado comigo que uma boa noite de sono não cure.

Zeke soube que isso não era verdade quando ela tentou se levantar e oscilou ligeiramente. Ela a ergueu nos braços e a carregou para o quarto, depois sentou na cama com ela no colo.

— Vou chamar o médico.

— Você sabe o que ele vai dizer. — Ela começou a chorar.

— Precisamos começar a fazer outros planos. — Ele não teve coragem de dizer de outra maneira, mas ela sabia o que aquilo significava.

— Eu não vou desistir de Abra.

— Marianne...

— Ela precisa de mim.

— *Eu* preciso de você.

— Você a ama tanto quanto eu, Zeke. Como pode sequer pensar em dá-la?

— Nunca deveríamos tê-la trazido para casa.

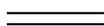
Zeke embalou a esposa no colo por um momento, depois a ajudou a tirar o robe de chenile e a acomodou na cama. Beijou-a e apagou a luz antes de fechar a porta.

Quase tropeçou em Abra, sentada de pernas cruzadas no corredor, com seu ursinho de pelúcia apertado contra o peito e o polegar na boca. Sentiu um sobressalto de inquietação. Quanto ela teria ouvido?

Ele a ergueu nos braços.

— Você devia estar na cama, pequenina. — Ele a aconchegou sob as cobertas de novo e lhe deu uma batidinha no nariz. — Fique aqui, quietinha desta vez. — Zeke a beijou. — Durma.

Afundando-se na poltrona na sala de estar, ele apoiou a cabeça nas mãos. *Será que eu entendi mal, Senhor? Eu permiti que Marianne me convencesse, quando seus planos para Abra eram outros? O Senhor sabe quanto eu amo as duas. O que faço agora, Senhor? Meu Deus, o que faço agora?*



Abra estava sentada no banco da frente, tremendo de frio, enquanto mamãe praticava hinos ao piano, embora papai tivesse ligado a caldeira para que o santuário ficasse aquecido para o culto do dia seguinte. Mitzi dissera que, sem o aquecedor ligado e funcionando corretamente, “a igreja cheirava tão úmida e mofada quanto um cemitério”. Abra respondera que não sabia como era o cheiro de cemitério, e Mitzi falara:

— Não olhe para mim assim, garotinha. O único jeito de eu ir até lá é carregada dentro de uma caixa de pinho.

A chuva batia no telhado e nas janelas. Papai estava examinando as anotações do sermão no pequeno escritório que dava para o átrio. Joshua tinha saído com seu uniforme de escoteiro para vender árvores de Natal na praça da cidade. O Natal estava a menos de três semanas. Mamãe tinha deixado Abra ajudar a fazer biscoitos de gengibre para os doentes e a montar o pre-

sépio sobre a lareira. Papai e Joshua puseram luzes na frente da casa. Abra gostava de ir até o portão depois do jantar e olhar a casa toda iluminada.

Mamãe fechou o hinário, deixou-o de lado e levantou-se.

— Pronto, querida, sua vez de praticar. — Abra pulou do banco e subiu correndo os degraus até o piano. Mamãe tentou levantá-la para sentar no banquinho, mas parou no meio, deu um passo para o lado e apoiou a mão pesadamente sobre o piano, enquanto a outra tocava o peito. Ofegou por um momento, depois sorriu em encorajamento e colocou uma partitura para iniciantes no suporte. — Treine as escalas primeiro, depois toque “Noite feliz”. Consegue fazer isso?

Geralmente, mamãe ficava em pé ao lado dela. Exceto quando não se sentia bem.

Abra adorava tocar piano. Era sua atividade favorita. Tocou as escalas e acordes, embora fosse difícil alcançar todas as notas ao mesmo tempo. Praticou “Noite feliz”, “O Little Town of Bethlehem” e “Away in a Manger”. Cada vez que terminava uma, mamãe dizia que estava muito bom e Abra se sentia aquecida por dentro.

Papai entrou no santuário.

— Acho que é hora de irmos embora. — Ele pôs um braço em torno da mamãe e a ajudou a se levantar. Decepcionada, Abra fechou a tampa do piano e os seguiu em direção ao carro. Mamãe se desculpou por estar tão cansada, e papai disse que ela ficaria bem após algumas horas de descanso.

Mamãe protestou quando papai a carregou para dentro de casa. Ele se sentou com ela no quarto por alguns minutos, depois veio para a sala.

— Brinque em silêncio, Abra, e deixe Marianne dormir um pouco. — Assim que ele voltou para o carro, Abra foi ao quarto da mamãe e do papai e subiu na cama.

— Esta é a minha menina — mamãe disse e a abraçou.

— Você está doente outra vez?

— Shhh. Não estou doente. Só cansada, só isso. — Ela adormeceu, e Abra ficou com ela até ouvir o carro chegando. Então deslizou da cama e correu até a sala de estar para olhar pela janela. Papai estava desamarrando uma árvore de Natal do alto do velho Plymouth cinza.

Com um gritinho de alegria, Abra abriu a porta da frente e desceu correndo os degraus. Ela batia palmas, saltitando.

— É tão grande!

Joshua entrou pela porta dos fundos, com as faces coradas de frio, mas os olhos brilhando. As vendas de árvores de Natal tinham ido bem. Se o grupo angariasse dinheiro suficiente naquele ano, todos iriam para o Acampamento Dimond-O, perto de Yosemite. Se não conseguissem, Joshua já havia conversado com os Weir e os McKenna, vizinhos da rua, para que o contratassem para cortar a grama.

— Eles concordaram em me pagar cinquenta centavos por semana. Dá quatro dólares por mês! — Parecia muito dinheiro. — Vou economizar o suficiente para pagar o acampamento eu mesmo.

Depois do jantar, mamãe insistiu em lavar os pratos e disse ao papai para ir abrindo as caixas de enfeites e começar a montar a árvore. Ele desembaranhou os fios e enrolou as luzes na árvore. Então as acendeu antes de começar a desembalar os enfeites e entregá-los, um por um, para que Joshua e Abra os pendurassem.

— Cuide dos ramos mais altos, filho, e deixe a metade inferior para Abra.

Algo caiu na cozinha. Assustada, Abra derrubou um enfeite de vidro, enquanto papai se levantava depressa e corria para lá.

— Marianne? Você está bem?

Trêmula, Abra abaixou para recolher os pedaços do enfeite que havia quebrado, mas Joshua se colocou ao lado dela.

— Cuidado. Deixe que eu faço isso. Você pode se cortar. — Quando ela começou a chorar, ele a abraçou. — Está tudo bem. Não chore.

Abra se agarrou a ele, com o coração batendo forte enquanto ouvia papai e mamãe discutindo. Eles tentavam falar baixo, mas ela os escutava. Ouviu o barulho da vassoura e de algo sendo jogado no cesto de lixo sob a pia. A porta se abriu e mamãe apareceu, com o sorriso sumindo do rosto.

— O que aconteceu?

— Ela quebrou um enfeite.

Papai pegou Abra no colo.

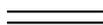
— Você se cortou? — Ela sacudiu a cabeça. Papai lhe deu um tapinha no traseiro. — Então não há razão para ficar nervosa. — Ele a abraçou rapidamente e a pôs no chão outra vez. — Vocês dois, terminem de decorar a árvore enquanto eu acendo a lareira.

Mamãe ligou o rádio e encontrou uma estação de músicas. Acomodando-se na poltrona, pegou no cesto um trabalho de tricô. Abra subiu na cadeira com ela. Mamãe a beijou no alto da cabeça.

— Não quer pôr mais enfeites na árvore?

— Quero ficar aqui com você.

Papai olhou por sobre o ombro enquanto preparava a lareira. Sua expressão era sombria.



O domingo estava frio, mas a chuva tinha parado. Casais se aglomeravam dentro do salão da igreja com seus filhos, conduzindo-os para a escola dominical antes de se dirigirem ao santuário para o culto. Abra avistou Penny Matthews e correu na frente de mamãe. Quando a alcançou, elas deram as mãos e se dirigiram, juntas, para a classe.

Depois da escola dominical, a sra. Matthews veio pegar Penny. Mamãe ajudou Mitzi a lavar e enxugar os pratos de biscoitos. Papai conversava com os últimos a ir embora. Depois que todos se foram, a família voltou para o santuário. Mamãe arrumou os hinários e juntou os folhetos deixados nos bancos. Papai guardou os reluzentes candelabros de bronze e as bandejas de oferendas. Abra sentou no banco do piano, balançando as pernas e tocando acordes.

A porta da igreja abriu-se de repente, e um homem entrou, apressado. Mamãe endireitou o corpo e levou uma das mãos ao coração.

— Clyde Eisenhower, o que foi isso? Você quase me matou de susto.

O homem estava afogeuado e inquieto.

— Os japoneses bombardearam uma de nossas bases navais no Havaí!

Assim que chegaram em casa, papai ligou o rádio. Tirou o terno e o pendurou no encosto de uma cadeira na cozinha, em vez de guardá-lo no armário do quarto, como sempre fazia. “... *os japoneses atacaram Pearl Harbor, no Havaí, pelo ar, conforme o presidente Roosevelt acabou de anunciar. O ataque também aconteceu em todas as atividades navais e militares na ilha principal de Oahu...*” A voz no rádio soava preocupada.

Mamãe desabou em uma cadeira da cozinha. Papai fechou os olhos e baixou a cabeça.

— Eu sabia que isso ia acontecer.

Mamãe ajudou Abra a subir em seu colo e ficou em silêncio, escutando a voz que continuava falando e falando sobre bombardeios e navios afundados e homens morrendo queimados. Mamãe começou a chorar, e isso fez Abra chorar também. Ela a abraçou com mais força e a embalou.

— Está tudo bem, querida. Está tudo bem.

Mas Abra sabia que não estava.

---

Mitzi abriu a porta com um gesto amplo.

— Ora, se não é minha garotinha favorita! — Ela jogou a ponta do xale sobre o ombro e abriu os braços. Rindo, Abra a envolveu com os dela. — Quanto tempo vou poder ficar com você desta vez?

— Pelo tempo que quiser — mamãe disse, seguindo-as para a sala de estar.

Abra gostava de ficar com Mitzi. Havia enfeites por toda a sala, e ela não se importava que Abra os pegasse para olhar. Às vezes, fazia café e até enchia uma xícara para Abra, deixando-a colocar creme e tanto açúcar quanto quisesse.

Mitzi se preocupou.

— Você parece terrivelmente cansada, Marianne.

— Vou para casa agora e dormir bastante.

— Isso mesmo, querida. — Mitzi beijou-a no rosto. — Não se esforce tanto.

Mamãe se inclinou e deu um abraço em Abra. Beijou-a nas faces e passou a mão por seus cabelos enquanto se levantava.

— Seja boazinha com Mitzi, meu bem.

Mitzi levantou o queixo.

— Comece a caçada — disse a Abra. Mitzi acompanhou mamãe até a porta da frente, onde elas conversaram por alguns minutos enquanto Abra andava pela sala, procurando sua peça favorita: um reluzente cisne de porcelana com um filhote feio ao lado. Ela o encontrou em uma mesa de canto, sob uma estola de penas.

Mitzi voltou para a sala.

— Encontrou tão depressa. — Ela o colocou no console da lareira. — Tenho que encontrar um lugar melhor para escondê-lo na próxima vez. — Esfregando as mãos, cruzou os dedos e estalou as juntas. — Que tal um pouco de música de salão? — Ela se sentou ao velho piano vertical e martelou uma melodia alegre. — Depois que você aprender a tocar Bach, Beethoven, Chopin e Mozart, vou lhe ensinar a tocar as coisas divertidas. — Suas mãos voavam de um lado para o outro. Ela se levantou, empurrando o banquinho para o lado, e continuou tocando, levantando um pé, depois o outro, em chutes desengonçados. Abra riu e a imitou.

Mitzi endireitou o corpo.

— Isso foi só um aperitivo. — Jogou a ponta do xale para trás outra vez e ergueu o queixo, com o rosto sisudo. — Agora precisamos ser sérias. — Ela se afastou e fez um gesto animado com a mão para que Abra se sentasse no banquinho. Rindo, a menina assumiu sua posição enquanto Mitzi punha uma partitura no suporte. — Beethoven um pouco simplificado é o prato do dia.

Abra tocou até o relógio sobre a lareira marcar quatro horas. Mitzi olhou para o relógio de pulso.

— Que tal brincar com minhas roupas um pouco? Tenho que dar um telefonema.

Abra deslizou do banquinho.

— Posso olhar suas joias?

— Claro que pode, querida. — Mitzi acenou em direção ao quarto. — Olhe no guarda-roupa; procure nas gavetas também. Experimente o que quiser.

Abra encontrou uma arca do tesouro de bugigangas e contas brilhantes. Colocou um par de brincos de strass e um colar comprido de contas de vidro vermelhas. Acrescentou outro de pérolas e mais um, de contas muito pretas. Gostou do peso de ostentação e glória em volta do pescoço. Ao ver o estojo de blush de Mitzi, esfregou um pouco em cada face, depois usou o lápis de sobrancelha. Escolheu o batom vermelho mais escuro da coleção de Mitzi. Abrindo bem a boca, imitou uma das mulheres que tinha visto no banheiro da igreja e espalhou o batom.

Procurou no meio da maquiagem e passou pó nas faces, tossindo quando uma nuvem de cheiro adocicado a envolveu.

— Tudo bem aí? — Mitzi chamou do outro cômodo.

Diante do espelho, movendo as mãos em torno do rosto, Abra respondeu que estava muito bem e voltou ao guarda-roupa de Mitzi. Colocou um chapéu de aba larga com um grande laço vermelho e encontrou um xale preto com flores bordadas e uma franja longa. Mitzi tinha muitos sapatos. Abra sentou, desamarrou os tênis e calçou um par de sapatos vermelhos de salto alto.

— Ah, não! — Mitzi entrou depressa e segurou a mão de Abra. — O pastor Zeke está vindo buscar você. Tenho que limpá-la antes que ele chegue aqui. — Ela riu enquanto tirava o grande chapéu e o lançava para dentro do armário, depois soltou o xale. — Um admirador me deu isso quando eu cantava em um cabaré em Paris, cento e cinquenta anos atrás.

— O que é cabaré?

— Ah, esqueça que eu falei isso. — Mitzi jogou o xale sobre a colcha cor-de-rosa de chenile. — E esses velhos colares! Caramba. Quantos você colocou? Estou surpresa por ainda estar em pé com todo esse peso. Venha, agora. Para o banheiro. — Mitzi espalhou um creme fresco no rosto de Abra e depois o removeu. Deu risada. — Você parece uma palhacinha com essas sobrancelhas pretas e os lábios vermelhos. — E riu outra vez, esfregando as faces de Abra até elas formigarem.

A campainha tocou.

— Bom, melhor que isso não fica. — Ela largou a toalha, arrumou o vestido de Abra, ajeitou os cabelos dela com os dedos e lhe deu um tapinha no rosto. — Você está bem elegante, docinho. — Depois tomou-lhe a mão e elas voltaram para a sala. — Espere bem aqui. — Mitzi foi até a porta e abriu calmamente. — Entre, pastor Zeke.

Papai deu uma olhada em Abra e levantou as sobrancelhas. Torceu a boca e olhou de soslaio para Mitzi.

— Hummm.

Mitzi uniu as mãos nas costas e sorriu, toda inocência.

— Ponha a culpa em mim, Zeke. Eu disse a ela para pegar o que quisesse em meu quarto enquanto ligava para Marianne. Esqueci-me de todas as tentações. Marianne parecia tão cansada que eu lhe disse que ligaria para você. Achei que não chegaria antes das cinco.

Papai estendeu a mão.

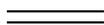
— Hora de ir, Abra.

Mamãe estava dormindo no sofá. Ela acordou, mas papai lhe disse para descansar, que ele arrumaria o jantar. Ele disse a Abra para brincar em silêncio. Joshua entrou pela porta dos fundos e conversou com papai. O telefone tocou. Pela primeira vez que Abra podia lembrar, papai o ignorou.

Mamãe parecia melhor quando todos se sentaram para jantar. Papai pronunciou as bênçãos. Todos conversaram sobre o dia. Joshua tirou e lavou os pratos. Abra tentou ajudar, mas ele a dispensou.

— É mais rápido se eu fizer sozinho.

Mamãe foi para a cama cedo. Assim que papai pôs Abra para dormir, foi deitar também. A menina ficou acordada, ouvindo o som baixo das vozes. Passou-se um longo tempo antes que ela adormecesse.



Abra acordou no escuro e ouviu a porta da frente se fechar. Papai tinha saído para suas orações antes do amanhecer. Ela se lembrava de quando ele a levava nessas caminhadas e desejava que ainda fosse assim.

A casa ficava fria e escura quando ele saía, mesmo com mamãe no quarto ao lado e Joshua em seu forte. Ela afastou as cobertas e foi, na ponta dos pés, até o quarto dos pais. Mamãe se mexeu na cama e levantou a cabeça.

— O que foi, meu amor?

— Estou com medo.

Mamãe levantou as cobertas. Abra subiu na cama e entrou embaixo delas. Ela a abraçou, cobriu ambas e a trouxe para bem perto de si. Abra se aconchegou no calor da proximidade, sentindo-se sonolenta. Acordou quando mamãe fez um som estranho, um gemido baixo, e murmurou:

— Agora não, Senhor. Por favor. Agora não. — Gemeu de novo e seu corpo se enrijeceu. Ela virou de costas na cama.

Abra virou-se para ela.

— Mamãe?

— Durma, meu bem. Volte a dormir. — Sua voz era tensa, como se estivesse falando entre dentes. Fez um som de soluço, depois soltou uma respiração longa e relaxou.

— Mamãe? — Quando ela não respondeu, Abra chegou mais perto e se encolheu a seu lado.

A menina acordou abruptamente, ao toque de mãos frias e fortes que a levantavam.

— De volta para a cama, Abra — papai sussurrou. O ar frio a fez estremecer. Envolvendo-se com os próprios braços, ela olhou por sobre o ombro enquanto caminhava em direção à porta.

Papai contornou a cama.

— Dormindo até mais tarde esta manhã? — Seu tom de voz era suave e amoroso, enquanto se inclinava para beijar mamãe. — Marianne? — Ele endireitou o corpo e acendeu a luz. O nome dela saiu então em um grito rouco, quando ele afastou as cobertas e a levantou.

Mamãe pendeu nos braços de papai, mole como uma boneca de pano, com a boca e os olhos abertos.

Ele se sentou na cama, balançando-a para frente e para trás enquanto soluçava.

— Ah, Deus, não... não... *não*.